



# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Por que teologia? Análise do campo em perspectiva Afro-Brasileira

*Dr. João Luiz Carneiro<sup>1</sup>*

**Resumo:** o artigo apresenta o resultado de uma pesquisa com quatro teólogos latino-americanos oriundos da teologia católica, metodista e afro-brasileira. Tal aproximação de diferentes escolas teve como objetivo apresentar uma breve história da teologia e sua possibilidade de tratar múltiplas denominações religiosas por meio do princípio pluralista. A partir disso, traz elementos básicos da constituição e formação da teologia afro-brasileira por F. Rivas Neto e seus desafios atuais.

---

1. João Luiz Carneiro é pós-doutor (UMESP) e doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), docente da Faculdade de Itanhaém (Faíta) e membro do grupo de pesquisa “Diversidade religiosa na sociedade secularizada” do CNPq. Autor de livros, com destaque para *Religiões Afro-brasileiras: uma construção teológica*, publicada pela Editora Vozes.

*Dr. João Luiz Carneiro*

**Palavras-chave:** teologia, teologia pluralista, teologia afro-brasileira.

## Introdução

Distante de querer explicar todo o campo teológico em poucas linhas no presente artigo, algo tanto indesejado quanto impossível, o objetivo aqui é apresentar características relevantes da teologia como área do saber científico e, dentro desse universo, pontuar pressupostos importantes da lógica teológica afro-brasileira, realçando alguns desafios desse trajeto.

O interessante desta pesquisa foi a seleção da autora e dos autores. Para tratar do campo teológico em sentido *lato*, foram escolhidos o frei Volney J. Berkenbrock<sup>2</sup> e o pastor Cláudio

---

2. “Possui doutorado em Teologia pela Faculdade de Teologia Católica da Universidade Federal de Bonn, Alemanha (Rheinische-Friedrich-Wilhelm-Universität 1995). Atualmente é professor do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em História das Religiões, atuando principalmente nos seguintes temas: eclesiologia, diálogo inter-religioso, história das religiões, igreja católica, cristianismo e candomblé.” Fonte: Currículo Lattes <<http://lattes.cnpq>.

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

de Oliveira Ribeiro<sup>3</sup>. Para tratar do campo teológico afro-brasileiro, especificamente, Pai Rivas<sup>4</sup> e Mãe Maria Elise Rivas<sup>5</sup>.

---

br/9207828747603506>. Acesso em: 14 abr. 2020.

3. “Possui formação em Teologia. O doutorado (2000) e o mestrado (1994) em Teologia foram feitos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a graduação (1985) no Seminário Metodista Cesar Dacorso Filho-RJ. Realizou estágio de pesquisa pós-doutoral em Teologia, na Southern Methodist University (SMU) (Dallas-EUA) (2015), com o tema “Pluralismo religioso, democracia e direitos humanos”, e em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas-SP, com o tema “Movimentos inter-religiosos, política e espaço público no Brasil”. Atualmente é professor-visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora e coordenador para mestrados profissionais da área ‘Ciências da Religião e Teologia’ da Capes”. Fonte: Currículo lattes < <http://lattes.cnpq.br/7202032274381269> >. Acesso em: 14 abr. 2020.

4. Sobre o perfil de sacerdote e teólogo, conferir o texto de Érica Jorge Carneiro (2020) publicado na presente revista.

5. “Mãe Maria Elise Rivas (também chamada Íyá Bê Ty Ogodô no candomblé e Mestra Yamaracyê na umbanda), é filha de santo de Babá Rivas Ty Ògìyàn desde 1980, tendo acompanhado a longa trajetória de Babá Pai Rivas nas diversas escolas das RAB. Foi iniciada por ele no candomblé e exercia a função de Yakekere, na umbanda esotérica recebeu o 7º grau do 2º ciclo e o acompanhou por mais de uma década na umbanda traçada e encantarias. Acompanhou ativamente Babá Rivas na fundação e implantação de seus terreiros e na manutenção da Faculdade de Teologia com Ênfase em Religiões Afro-Brasileiras, instituição onde foi vice-diretora e professora, sendo Babá Rivas o diretor. Na FTU, colaborou para o reconhecimento da instituição junto ao MEC. É bacharela em Teologia com Ênfase em Religiões Afro-brasileiras pela FTU e mestra e doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP. Autora no âmbito das religiões afro-brasileiras com livros, capítulos de livros

*Dr. João Luiz Carneiro*

Todos são sacerdotes e sacerdotisa, bem como teóloga(os). Tais questões virão com maior ênfase na conclusão do texto.

## **História teológica pelo olhar de um frei**

O frei Berkenbrok (2020)<sup>6</sup> recorda quatro aspectos sumarizados para trabalhar a noção histórica de teologia. Tais apontamentos longe estão de dar conta da milenar história teológica cristã, mas – como exposto – reforçar alguns elementos importantes para entender seus efeitos hodiernos como ciência atenta aos fatos e à fé religiosa. Mais do que isso, a história da teologia vai ajudar a compreender as características

---

e artigos científicos publicados. Fonte: Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, disponível em: <<https://www.oicdpairivas.com.br/mae-maria-elise-rivas>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

6. O texto que se segue no resgate do termo teologia e seu entendimento histórico são interpretações de mementos gentilmente cedidos pelo frei para ilustrar o raciocínio. Além disso, Berkenbrok sugere para maior aprofundamento da questão: origem e o uso do termo “Teologia”: E. Schillebeeckx, *Revelação e Teologia*. São Paulo, Edições Paulinas, 1968, p. 81-143; H. Rito, *Introdução à Teologia*, 1998, p. 25-36. Para entender a Teologia como ciência: H. Rito, *Introdução à Teologia*, 1998, p. 97-109.

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

do campo religioso brasileiro, profundamente marcado pelas contribuições greco-judaico-cristãs.

**Primeiro aspecto: a teologia nasce grega.** A palavra é de origem grega, portanto, do pré-cristianismo. Inicialmente não indicava uma reflexão sobre a fé, mas sim sobre narrativas mitológicas da literatura grega, de poetas como Homero e Hesíodo, que contavam a vida dos deuses em seus textos. Logo, uma cultura politeísta mais próxima do que hoje se compreende como religiões afro-brasileiras, e não monoteísta como prevaleceu o campo no estudo das religiões cristãs. O autor lembra que a teologia se opunha à meteorologia. Enquanto a meteorologia estava preocupada com forma mais científica sobre os corpos celestes, sem negar suas questões divinas, a teologia penetrava seus aspectos míticos transcritos na literatura. A teologia estava preocupada com os mitos e suas respectivas fábulas (BERKENBROCK, 2020).

Platão (429-347 a.C.) inicia um movimento de racionalização do sagrado, ao separar as fábulas do seu núcleo de conhecimento, vendo seu valor não apenas no nível literal dos mitos, mas em busca de suas “essências” que transcendiam. Aristóteles (384-322 a.C.), seu discípulo, utiliza o vocábulo num sentido totalmente diferente. Trata a ciência em três partes: ciência

*Dr. João Luiz Carneiro*

física, matemática e teológica. A teologia é então entendida como filosofia das causas primeiras, inclusive do mundo astral e visível. É uma espécie de teoria do conhecimento primordial. “O termo teologia é então usado em dois sentidos, tanto o de narrações mitológicas, como de teologia filosófica, sendo que o primeiro sentido é mais usual” (BERKENBROCK, 2020).

No uso da vida religiosa do povo grego, a teologia vai ter outro sentido. Naturalmente, muito mais prático, pois remete à oração de louvor a um Deus familiar ou regional, de honra aos dirigentes da pólis. O autor ressalta que: “[...] no contexto de culto ao imperador ou é simplesmente uma forma de expressão velada sobre divindades. Com a passagem que houve na religião grega para uma religião cósmica” (BERKENBROCK, 2020). Dito de outra forma, os deuses não são mais compreendidos como habitantes do seu *locus* original, sagrado, o Olimpo, mas sim do cosmo, portanto, do universo, tema passível de ser discutido em nível científico. Aqui existe uma convergência entre teologia e meteorologia. Este significado advém sobretudo na obra *De mundo* (pseudoaristotélica) (BERKENBROCK, 2020).

**Segundo aspecto: o encontro da teologia com os primeiros cristãos.** A partir dessa ideia, teologia como ciência,

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

no contexto da época, os Padres da Igreja, como eram nominados os primeiros teólogos cristãos, negaram o uso dessa palavra no estudo e contexto cristão, por estar fortemente carregada de conotação religiosa grega, notadamente focada em seus mitos e crenças politeístas. Só mais tarde este vocábulo é cristianizado. “O pensador cristão Orígenes já utiliza o termo em dois sentidos: tanto o sentido grego antigo, como também significando discurso sobre Deus e Cristo” (BERKENBROCK, 2020). Nesse mesmo sentido, o autor recorda que o verbo *theologeîn* utilizado no sentido primevo de honra e glória ao imperador como Deus passa a ser cristianizado e cria o significado de reconhecer Jesus Cristo como Deus verdadeiro, como Rei dos reis (BERKENBROCK, 2020).

Quem contribuiu de forma significativa para introduzir o termo na linguagem cristã é Eusébio, opondo à teologia pagã o termo “teologia segundo Cristo”. O termo já é encontrado no sentido cristão no século IV, significando discurso a respeito do Cristo, do Deus verdadeiro. “Sobretudo os teólogos bizantinos do séc. IV introduzem uma especificação quanto ao termo, usando o termo ‘teologia’ em contraposição a ‘economia’” (BERKENBROCK, 2020). A teologia é usada nesse momento no sentido de doutrina da Trindade, ou seja, “Deus

*Dr. João Luiz Carneiro*

Pai”, “Deus Filho” e “Deus Espírito Santo”, a doutrina da divindade em si em seus mistérios. A economia fará a contraposição relacionando-se à doutrina da salvação em Jesus Cristo (BERKENBROCK, 2020).

**Terceiro aspecto: o vocábulo teologia na igreja latina.**

Inicialmente a teologia não foi adotada facilmente pela igreja latina. Embora Agostinho tenha já falado de “teologia verdadeira” em contraposição à teologia pagã, o termo não foi adotado pela linguagem cristã bem como seus usos e costumes. Isso só vai ser alterado no século XII, sendo utilizada por Abelardo no mesmo sentido que a Igreja grega já empregava no século IV, ou seja, para indicar o tratado sobre Deus. Ainda assim, a palavra continuou fora da terminologia cristã, sendo preferível a expressão consagrada por Agostinho de “doutrina cristã”. “O grande teólogo da Idade Média, Santo Tomás de Aquino, não utiliza o termo com frequência e, quando o faz, dá sentidos diversos” (BERKENBROCK, 2020).

O autor aponta que Tomás de Aquino vai contrapor os termos “teologia filosófica” à “teologia da Sagrada Escritura”. A primeira no sentido de filosofia pagã sobre Deus e o outro no sentido do ensino genuinamente cristão. “Na obra de Santo Tomás, uma consideração teológica é a que diz res-



*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

peito à sua causa primeira (sua relação para com ‘A Causa’) em contrapartida a uma consideração sobre a coisa em si” (BERKENBROCK, 2020). Santo Tomás raramente utiliza o termo teologia como sinônimo de doutrina sagrada, o que torna a discussão superada nesse sentido (BERKENBROCK, 2020).

**Quarto aspecto: teologia de Tomás de Aquino até o teólogo franciscano Duns Scoto.** Nesse quarto momento é que a palavra teologia se torna o termo técnico para dizer doutrina sagrada. “Este termo era muito amplo e teologia passou a expressar especificamente a teologia argumentativa (*scientia conclusionum*)” (BERKENBROCK, 2020). Aqui é possível passar para a análise dos dias atuais. O termo teologia usado hoje nasceu na tradição “teológica” então com uma forte conotação de ciência especulativa.

Considerando a passagem da Idade Média para a Idade Moderna é que surgiu a diversificação naquilo chamado anteriormente de doutrina sagrada, que englobava toda a reflexão cristã. Trata-se da pluralidade teológica também na perspectiva cristã-católica. A partir disso, o autor lembra que vão surgir as diversas áreas da teologia, como “[...] teologia dogmática, teologia moral, teologia apologética, que passou a chamar-

*Dr. João Luiz Carneiro*

se mais tarde fundamental, como vimos, e assim por diante” (BERKENBROCK, 2020).

Diante de todo o exposto, é possível constatar que o termo teologia nasce antes do cristianismo, dando conta – em seus primórdios – de uma realidade politeísta e de contos mitológicos afastados da odisseia cristã. Durante os séculos que se seguem, com a consolidação da Igreja Católica e seu poder em praticamente toda a Europa, o termo “teologia” será adaptado, ainda que lentamente, aos interesses cristãos e utilizado como referência máxima para a compreensão da “doutrina sagrada”.

Logo, uma tradição que hoje se situa na ciência<sup>7</sup> não será facilmente associada a outras religiões de tradição oral. Principalmente aquelas que recebem influências, mas possuem um corpo de conhecimento histórico iniciado de forma independente das religiões abraâmicas, caso das religiões de matriz africana, formadoras do campo afro-brasileiro.

Contudo, existe um movimento na história mais recen-

---

7. Sobre o processo de formalização da teologia como saber científico e formação sendo regulada pelo MEC (Ministério da Educação), ver Carneiro (2020).

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

te de ecumenismo e diálogo inter-religioso. Diante de várias possibilidades, destaca-se a teologia pluralista que será descrita a seguir.

## **Teologia pluralista a partir de um pastor**

A teologia pluralista irá configurar como um esforço de articular no campo teológico possibilidades de diálogo, ou pelo menos convivência pacífica, na realidade que se mostra plural no campo das confissões e instituições religiosas. A perspectiva pluralista anseia por oferecer respostas aos problemas reais da sociedade no que diz respeito ao mercado religioso quando defrontado com as múltiplas possibilidades da fé, ou, pelo menos, apontar os seus desafios.

O princípio pluralista pode oferecer contribuições nas diferentes disciplinas científicas que têm como objeto a religião. Por exemplo, no campo observado como “ciências da religião” a aplicação aponta para a questão que se segue.

[O princípio pluralista] é um instrumento hermenêutico de mediação teológica e ana-

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Dr. João Luiz Carneiro*

lítica da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade às experiências, grupos e posicionamentos qempoderamento de grupos e de visões subalternas e formas de alteridade e de inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder presentes na sociedade. (RIBEIRO, 2019).

No contexto das ciências da religião, o diálogo inter-religioso pode ser construído levando em consideração questões de ordem histórica, geográfica, social, cultural e política. O quanto de institucionalidade uma religião possui e o quanto afeta a esfera pública ao mesmo tempo em que se desenvolve o maior ou menor empoderamento de grupos religiosos historicamente perseguidos ou reprimidos, caso que pode ser exemplificado pelas religiões afro-brasileiras.

Considerando o princípio pluralista, muitas questões são observadas em muitas religiões na sociedade, impondo um desafio difícil de ser executado. Ao mesmo tempo em que busca conceitos mínimos e gerais que possibilitam algum tipo de compreensão e diálogo com a realidade religiosa, exige dar conta das porosidades, incertezas, incoerências inerentes a cada uma delas. Sejam aspectos da fé que afetam liberdades individuais, sejam aspectos coletivos que determinam diretri-

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

zes políticas, mesmo àqueles que professam outras crenças ou são ateus.

Ainda que sua construção metodológica necessite flexibilidade para se adaptar aos inúmeros casos possíveis, afinal o campo religioso é um entre-lugar<sup>8</sup> em contínua (re)construção e movimento, existe uma chave importante que vai apontar para teologia pluralista no campo teológico propriamente dito. Trata-se da alteridade citada no excerto acima. Quando aplicado à teologia, pode ser pensado nos termos abaixo onde essa chave é acentuada.

Nossa pressuposição é de que o princípio pluralista, formulado a partir de lógicas ecumênicas e de alteridade, possibilita melhor compreensão da diversidade do quadro religioso e também das ações humanas. Não se trata apenas de uma indicação ética ou “catequética”. Com ele, as análises tornam-se mais consistentes, uma vez que possibilitam melhor identificação do “outro”, não idealizado, mas concretamente identificado, especialmente as pessoas e grupos que são in-

---

8. O autor usa o termo no sentido construído pelo pesquisador Homi Bhabha (2001).

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Dr. João Luiz Carneiro*

visibilizados dentro da visão sociológica que Boaventura de Souza Santos (2010a) (2010b) chamou de “sociologia das ausências”. (RIBEIRO, 2019).

A ideia de alteridade não é nova na teologia ou mesmo na filosofia. Ao permanecer nas tradições abraâmicas, temos, como exemplo, o filósofo Emmanuel Lévinas, que posiciona a alteridade em um lugar privilegiado da ética, tendo papel preponderante na construção das relações humanas, não só com o outro, mas com todos os outros, combatendo epistemologicamente a noção de egoísmo (LÉVINAS, 2009).

Entretanto, o próprio autor está destacando questões para além da ética ou das preocupações catequéticas. A alteridade precisa ser pensada aqui como categoria analítica do pluralismo religioso. Nesse sentido, é importante ressaltar que admitir a existência do “outro” é observar características e elementos distintos do “eu”. Existe o “eu” e o “outro” porque são diferentes. No caso das religiões, mais do que diferentes, observando a realidade posta, são também desiguais.

Ao adentrar nessa observação, é possível admitir que idealmente seria importante reconhecer que as religiões são diferentes entre si, mas deveriam ter igualdade de condições no es-

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

paço público. Além disso, que deveriam determinar questões e fazer prevalecer seus dogmas apenas aos que livre e espontaneamente quisessem aderir aos mesmos. Contudo, as religiões têm relações bem distintas de acesso e exercício do poder.

No caso brasileiro, temos uma distribuição irregular da quantidade de fiéis (MARIANO, 2013). O que não se apresenta como problema, pois trata-se de movimentações naturais do mercado religioso. Entretanto, quando vamos para as representações no congresso nacional, algumas religiões são hiper-representadas, com congressistas em número relativo maior que os fiéis brasileiros do conjunto, enquanto outras são totalmente invisibilizadas (PRANDI; SANTOS, 2017). Isso no aspecto do poder político. A mesma análise pode ser feita nos outros dois poderes, tanto o econômico quanto o ideológico, no sentido dado por Norberto Bobbio<sup>9</sup> (BOTELHO, 2004).

A teologia pluralista pode ser pensada por meio de uma imagem. Se existem pontes de diálogo que se fazem necessárias entre as diferentes formas religiosas na esfera pública, o princípio pluralista está preocupado em entender suas margens. Ou seja, en-

---

9. Para compreender a ideia original do autor, ver Bobbio (1980).

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dr. João Luiz Carneiro*

tender a diversidade inerente a cada uma delas e os pontos de desigualdade que prejudicam um exercício pleno e livre do arbítrio religioso, inclusive a escolha de não ter religião.

Muitas áreas científicas entraram nessa observação e interpretação de religiões não abraâmicas no contexto brasileiro. Algo fundamental para o princípio pluralista entrar em diálogo com essas denominações. As próprias religiões afro-brasileiras são devedoras das ciências sociais no material de pesquisa que fora levantado.

As ciências da religião pouco contribuíram nesse sentido, no que pese terem aumentado nos últimos anos pesquisas de mestrado e doutorado sobre essas tradições. Mesmo assim, sua maioria de estudos e pesquisas do ambiente cristão está justificada pelo fato de as ciências da religião terem nascido de programas teológicos de igual denominação. E, naturalmente, seus estudantes e pesquisadores vão empenhar seus esforços nas tradições religiosas às quais são filiados ou estimulados pelos programas.

No intuito de oferecer melhores condições na esfera pública, buscando isonomia entre as religiões, surge a teologia afro-brasileira. Um campo científico construído pelo *insider*, pelas “mãos” de um pai de santo.



*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

## Teologia afro-brasileira surge no terreiro por um pai de santo

O pai de santo Francisco Rivas Neto (1950-2018)<sup>10</sup> foi o sacerdote das religiões afro-brasileiras responsável pela fundação da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira instituição de teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras<sup>11</sup>. Sua proposta de teologia nasce da associação entre senso religioso e senso crítico. Inclusive, as palavras que se seguem são metodologicamente influenciadas por esse ângulo de interpretação.

O **senso religioso** exercita a crença, a fé. A religiosidade leva a acreditar em algo ou alguma coisa. O verbo “acreditar” remete a aceitar a veracidade ou existência daquilo sobre o que o sujeito projeta sua atenção e observação. Portanto, acreditar de alguma forma é criar a realidade dada. Quando um fiel deposita sua fé em uma pedra, tornando-a sagrada, a referida

---

10. Sobre este autor, ver Carneiro (2020).

11. Sobre a FTU, desde a sua fundação até sua ação no meio religioso e acadêmica, ver Carneiro (2014a).

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dr. João Luiz Carneiro*

pedra nunca mais será a mesma para aquele que crê. Constituirá uma realidade aumentada, uma ideia ampliada do que existe. O mesmo verbo também tem um significado importante, “acreditar” se sublima e vai ao encontro da confiança, das boas intenções, das finalidades do objeto em que o fiel se debruça. Portanto, mais do que exercitar respeito à fé e crença de um religioso, a ação de acreditar, em sentido expandido, desenvolve nossa potência em criar e confiar. Daí sua sacralidade, sua porção divina.

Enquanto sociedade devemos, pelo exposto, ter muito respeito à fé das pessoas. O respeito ao outro quanto a sua crença se faz necessário e deve ser tratado como direito humano. A ressalva é não prejudicar outrem ou o coletivo. Tal questão não é simples, mas estimula que seja refletida por quem se interessa pelo tema. O autor defendia em vida que o axioma da diversidade admite tudo, menos impor a outra pessoa a sua forma de enxergar o mundo.

Logo, apontar erros ou defeitos à fé do outro não deveria ser seara do meio religioso ou do senso comum. No que pese isso ser observado sem maiores dificuldades por um pesquisador do campo religioso. Muito menos criar hierarquias entre uma e outra crença. Não existe fé melhor ou pior. Existe, sim,

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

aquele exercício de acreditar diverso e plural inerente a todo ser humano. Aquele religioso que optou por um caminho espiritual prática, no julgamento dele, a melhor forma para ele. Isso não significa que seu próximo terá precisamente o mesmo êxito ao realizar a mesma escolha de forma espontânea.

O **senso crítico** está relacionado ao saber acadêmico. São diversas as disciplinas que podem colocar como seu objeto de pesquisa as religiões afro-brasileiras. Além das já citadas ciências da religião e ciências sociais, poderiam fazer parte desse rol: filosofia, história, geografia, botânica, psicologia, medicina, entre tantas outras. Trata-se de um olhar “desde fora” da religião. Cada cátedra usa seus pressupostos para analisar a religião afro-brasileira em seu particular, formulando hipóteses de trabalho que serão ou não confirmadas durante a pesquisa.

No caso da teologia, o autor faz uma analogia imagética. Se o senso religioso for representado por uma das mãos e o senso crítico por outra, a teologia seria o exercício de unir ambas.

Tal condição é importante, pois, na teologia afro-brasileira, o adepto tem voz na academia, pois sua experiência é levada em consideração no campo. A afirmação não nega o

*Dr. João Luiz Carneiro*

fato da existência de pesquisadores de outras áreas científicas que estudaram as religiões afro-brasileiras sendo iniciados.

Entretanto, o método científico de sua área de saber exige um distanciamento do objeto, por menor que seja. Ao passo que, na teologia, a questão está em mediar o conhecimento científico com a sabedoria tradicional. Dito de outra forma, faz parte do método científico desenvolvido por Rivas Neto, além de ouvir o fiel, fazer com que seu saber seja parte da pesquisa de forma estruturada e conectada com o senso crítico.

Essa proposta teológica exigiu a constituição não só de um novo campo, mas também de novos conceitos. Ao fundar a FTU, o autor não fez apropriação de definições teológicas cristãs e aculturou nas religiões afro-brasileiras. Pelo contrário, respeitando profundamente as inequívocas contribuições da teologia, ousou em trazer novos olhares, outras perspectivas.

A começar pelo empoderamento da teologia de tradição oral (CARNEIRO; RIVAS; RIVAS NETO, 2014). Se por um lado a questão da tradição escrita está posta e respeitada nos pressupostos teológicos afro-brasileiros, o autor vai desenvolver o campo na oralidade. As ideias de “núcleos duros

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

e zonas de diálogo” (RIVAS NETO, 2015) e “Escolas das Religiões afro-brasileiras” (RIVAS NETO, 2012) são outros exemplos concretos do exposto<sup>12</sup>.

O exercício teológico posicionado por Berkenbrock (2014) como ato reflexivo secundário, ou seja, obrigatoriamente posterior à fé, foi uma constante no trabalho científico de Rivas Neto. Dentro de suas dependências, a FTU não tinha apenas salas de aula, biblioteca, espaços de convivência. Ela possuía um terreiro que realizava suas atividades públicas e gratuitas a centenas de fiéis que a frequentavam semanalmente (CARNEIRO, 2014a).

Além dos rituais, realizava locutórios e seminários com pais e mães de santo de diferentes escolas, para usar o termo próprio da teologia afro-brasileira, e lugares do país. Concomitantemente, publicava livros, artigos e organizava congressos acadêmicos contando com a presença dos pesquisadores de diversas áreas do saber e com produção bibliográfica reconhecida (CARNEIRO, 2014a).

---

12. Para mais esclarecimentos sobre os termos “núcleos duros e zonas de diálogo” e “escolas das religiões afro-brasileiras”, além da fonte primária citada no artigo, ver Dicionário Teológico das religiões afro-brasileiras (2020).

*Dr. João Luiz Carneiro*

O ambiente de construção teológico foi, portanto, privilegiado. Pai Rivas Neto tinha ao seu alcance acesso a várias lideranças afro-brasileiras de igual maneira como tinha trânsito livre com pesquisadores renomados que chegaram a ministrar aulas na FTU, seja no curso de graduação ou pós-graduação<sup>13</sup>. Isso lhe deu fôlego para penetrar em questões delicadas. Um dos desafios que ousou enfrentar na análise das religiões afro-brasileiras foi seu caráter diverso em quase conflito com sua igual coesão conceitual. É possível observar tantas diferenças entre as variadas escolas afro-brasileiras quanto unidade na maneira que a sociedade civil como um todo e mesmo setores científicos enxergam essas religiões.

No que diz respeito ao senso comum, mesmo no sentido pejorativo, expresso na frase “tudo é macumba”, por exemplo, e sem intenção de esgotar o tema, existe de alguma maneira a percepção da existência de uma unidade nesse conjunto afro-brasileiro. Aqui motivada declaradamente pela ignorância e o racismo religioso.

---

13. Para conhecer essa relação de professores no curso de pós-graduação da FTU, o primeiro do gênero na história da teologia, ver Carneiro (2014b).

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

Em outra pesquisa (CARNEIRO, 2014b), é possível compreender como o próprio termo “religiões afro-brasileiras” é uma construção científica que fora incorporada pelo meio religioso. Existem setores que ainda têm certa resistência em adotar essa identificação, seja por questão de fé, algo respeitável, seja por reproduzir em certa medida a mesma ignorância e racismo religioso do senso comum. Algo um tanto paradoxal, mas que é percebido pelos teólogos afro-brasileiros (CARNEIRO, 2014b).

A saída do pai de santo para essa problematização complexa foi a noção de *Gestalt* (HOLANDA, 1998), tão cara à psicologia. Rivas Neto entende *gestalt* em sentido ampliado para o campo afro-brasileiro como o reconhecimento de que existe uma necessidade de entender e conviver com as diferenças na realidade posta.

Por um lado, isoladamente nenhuma parte ou expressão religiosa afro-brasileira pode ser utilizada como referência para explicar o todo. Ao mesmo tempo, apenas a coesão, arranjo, disposição de todos os seus componentes, de todas as características de cada terreiro e escola permite entender o todo, ou seja, as religiões afro-brasileiras no sentido lato.

Uma de suas figuras ilustrativas clássicas é a imagem de um bolo. Se cortar um pedaço do bolo, jamais você conse-

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dr. João Luiz Carneiro*

guirá recompor o pedaço na mesma forma e circunstância que estava antes de passar a faca e realizar o corte. Uma escola afro-brasileira só pode ser compreendida em sua posição e troca de influências com o conjunto afro-brasileiro. Se “isolar” uma escola, você quebra a *Gestalt*. Não consegue nem analisar corretamente a escola específica e, muito menos, as religiões afro-brasileiras como um todo (RIVAS NETO, 2012).

Retomando o princípio pluralista, a contribuição do pai de santo, fundador da teologia afro-brasileira, seria a *Gestalt* teológica resgatada e ampliada por ele. É importante entender a alteridade, como na proposta de Lévinas (2009), o entre-lugar de Homi Bhabha (2001) e considerar sempre as teorias decolonialistas como na pena do semiólogo argentino Walter Mignolo (2010). Contudo, observar a parte sempre como integrante do todo.

A figura da ponte e das margens citadas na teologia pluralista no item anterior pode ser revista ao se defrontar com a contribuição da teologia afro-brasileira. Não existe relação de preferência ou importância na análise. É preciso estudar e pesquisar igualmente tanto as margens (os atores sociais religiosos, indivíduos ou instituições) quanto a ponte (o canal



*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

que permite a convivência de ideias na esfera pública) como conjunto e não de forma segregada.

Diante do exposto e evocando alguns exemplos aqui trazidos de conceitos construídos ou revisitados pela teologia afro-brasileira, de uma forma pragmática, Rivas Neto usou seu cabedal religioso, fora iniciado em escolas dos três núcleos das religiões afro-brasileiras, e sua formação acadêmica, médico no início da carreira e teólogo no fim de sua vida, para estruturar o campo com pressupostos próprios. Coube a sua sucessora, a Mãe Maria Elise Rivas, dar continuidade ao desafio desse projeto teológico.

## **Teologia afro-brasileira e seus desafios atuais aos cuidados de uma mãe de santo**

Mãe Maria Elise Rivas, além de ter sido inicialmente teóloga formada na FTU, exerceu a docência e direção da instituição participando ativamente no credenciamento e recrenciamento da instituição (CARNEIRO, 2014b), bem como

*Dr. João Luiz Carneiro*

no reconhecimento do curso<sup>14</sup> com nota 4 em uma escala de 1 a 5, que a colocou em patamar de excelência até o encerramento de suas atividades. De certa maneira, além de contribuir com o legado deixado por Rivas Neto na construção do campo, ela foi produto e produtora dessa primeira fase da teologia afro-brasileira.

Se Rivas Neto foi o “engenheiro” da teologia afro-brasileira, Maria Elise Rivas tem um importante papel de “arquiteta” nessa nova fase que bate à porta. A autora vai ao encontro dos invisibilizados no campo afro. Sua pesquisa mais relevante foi publicada em 2013 e dá um novo *design* a um dos temas mais sensíveis no universo umbandista.

As umbandas nasceram em solo brasileiro, notadamente do candomblé de caboclo e das macumbas, ganhando contornos específicos e, de acordo com as suas influências, constituindo as diversas escolas umbandistas (RIVAS NETO, 2012). O espiritismo terá um papel importante na formação das escolas umbandistas, mas é em momento histórico secun-

---

14. Fonte: *Plano Nacional de Cultura*, disponível em: <<http://pnc.cultura.gov.br/2013/04/23/o-curso-de-teologia-com-enfase-nas-religoes-afro-brasileira/>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

dário, junto com as demais práticas cristãs (predominantemente católicas).

Nesse sentido, entra a contribuição decisiva de Maria Elise Rivas (2013) ao reconhecer a importância do mito fundante da umbanda cristã, centrada em 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, incorporando em Zélio Fernandino de Moraes. A pesquisa realizada por cientistas sociais aponta o surgimento dessa escola umbandista na década de 30 do século XX. Portanto, temos um marco oficial de 1908, um marco sociológico na década de 30 (GIUMBELLI, 2002).

Contudo, o campo religioso das umbandas é multirreferencial, polissistemático, portanto, policêntrico (RIVAS, 2013) e, assim, complexo. As chamadas macumbas já tinham em seu bojo todos os elementos da umbanda, menos o nome. A autora aponta pelos menos dois casos amplamente documentados para justificar seu ponto de vista: Juca Rosa e João de Camargo.

Em 1865, ou seja, 43 anos antes da suposta fundação da umbanda, há relatos de um alfaiate chamado José Sebastião da Rosa, conhecido por Juca Rosa, que exercia a feitiçaria, incorporado por entidades como Pai Quibombo, Pai Vencedor e Pai Zuza, que davam consultas para seus filhos e consulentes.

*Dr. João Luiz Carneiro*

A autora aponta os traços que remetem aos caboclos de Ogum (Vencedor) e aos pretos velhos (Zuza) das umbandas.

O segundo caso, não mais no Rio de Janeiro, mas em Sorocaba, aponta uma forma bastante particular de João de Camargo fundar uma capela em 1906. Nela havia imagens católicas, de índios e caboclos, que faz claramente um paralelismo com o arsenal imagético umbandista. Sua pesquisa remete à ideia de que não é possível falar em mito fundante das umbandas como um todo, mas, sim, em histórias de fundação que remetem a uma escola ou um terreiro umbandista.

De igual forma, sua pesquisa permite pensar todo o painel afro-brasileiro com os mesmos pressupostos herdados da *Gestalt* de Rivas Neto. Ao tratar do surgimento do mito fundante como algo particular a uma escola, reforça as características próprias da umbanda cristã. Ao mesmo tempo, não nega a existência de outras formas de umbandas que não beberam dessa fonte, desse mito.

O conceito retoma a ideia de diferença sem desigualdades axiológicas. Ao mesmo tempo, permite leituras feministas e de gênero como um todo, movimentos pretos pós-coloniais e todas as camadas metodológicas que retiram os véus dos preconceitos vários praticados na história do Brasil que são repro-

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

duzidas igual ou em até maior escala nas religiões afro-brasileiras. De forma prática, a umbanda cristã não é melhor nem pior que a umbanda omolocô (BAHIA; NOGUEIRA, 2018). Contudo, a umbanda cristã sofre menos preconceito do que a omolocô por suas características sociais: embranquecida, praticada em maior escala pela classe média em zonas urbanas e mais sincretizada com os elementos cristãos, grupo majoritário segundo o *Censo* de 2010 (MARIANO, 2013).

Em seguida, apresenta em outra pesquisa o tema de gênero na teologia carregando o título *sui generis Teologia usa saias?* (RIVAS, 2017a). Um trabalho com forte temática de gênero. ■

A autora analisa o campo profissional da Teologia pós-regulamentação para mulheres, tendo em vista a oficialização do bacharelado. Para discorrer sobre o tema, ela retoma o início do ensino superior no país e a exclusão das mulheres, gerando desigualdades de acesso ao saber a partir da concepção de gênero.

Com a passagem da teologia do ambiente restrito aos seminários e cursos sacerdotais cristãos para curso superior, o acesso universal passou a ser premissa. Assim, qualquer pessoa, inclusive as mulheres e leigos que sofriam restrições nesta área, poderiam acessar o curso e se formar no campo.

*Dr. João Luiz Carneiro*

A autora utiliza não só categorias da teologia feminista, como também as relações de poder observadas no campo, refletidas na divisão sexual do trabalho. Ela segue as suas investigações com pesquisa de campo, entrevistando alunos e alunas egressos(as) de cinco instituições, reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC), da grande São Paulo, uma delas sendo a FTU e as demais cristãs. Se na pesquisa sobre o mito fundante da umbanda Maria Elise Rivas está preocupada com invisibilização das raízes negras, aqui ela busca dar lugar à mulher no campo teológico.

■ Porém existe um trabalho que vai ao encontro dessas diferentes vertentes marginalizadas na sociedade brasileira e converge na sua pesquisa de doutorado intitulada: *Tem mulher na macumba 'sim sinhô': as mulheres negras na macumba religiosa e musical carioca entre 1870 e 1930* (RIVAS, 2017b).

Em sua tese, a autora pesquisa as mulheres negras nas macumbas cariocas, relatadas nos jornais do Rio de Janeiro, entre os anos de 1870 e 1930, tendo como interesse maior observar sua maior ou menor presença, bem como a ausência das mesmas nas macumbas. O seu esforço é aplicado no campo empírico em 19 jornais que circularam na cidade carioca no período pesquisado disponibilizados, logo, em fonte primária.

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

ria. Durante sua pesquisa, reconhece que “[...] foi necessário muito esforço para podermos encontrar as mulheres negras em ambas as macumbas, mas elas estavam lá” (RIVAS, 2017b).

Todas essas pesquisas realizadas por Maria Elise Rivas reforçam seu papel na teologia e os desafios atuais. A partir do campo fundado e construído por Rivas Neto, aprofundar seus conceitos e dar visibilidade aos personagens marginalizados na sociedade por preconceitos históricos e que, portanto, estão arraigados tanto no imaginário quanto no cotidiano do país.

Assim a teologia afro-brasileira quer dar lugar e vez aos candomblés, encantarias e umbandas, mas precisa fazer o mesmo com mulheres, pretos, anciãos e pobres. Vale a pena ressaltar que de alguma maneira esforços semelhantes são feitos em outros setores teológicos. Como exemplo, é possível citar o pastor Ribeiro (2018), que aponta a necessidade de a teologia latino-americana diante do pluralismo religioso ouvir e promover a mudança de seu lugar teológico a partir das teologias feministas e afro-indígenas.

Entretanto, voltando o olhar para os religiosos afro-brasileiros, surgem as seguintes questões:

- Como promover a formação de teólogos(as) afro-brasileiros(as) após a extinção da FTU?

*Dr. João Luiz Carneiro*

- Como desenvolver o pensamento teológico afro-brasileiro?
- Como mediar o fazer teológico que empodera as minorias e sensibiliza a necessidade de lutar contra as desigualdades várias diante de um fazer social, contribuindo para que essas mudanças aconteçam de fato?

Essas são algumas das questões que se impõem à teologia afro-brasileira e ao mesmo tempo respondo o porquê de ela ser necessária.

## Conclusão

O artigo apresentou quatro momentos distintos, porém em diálogo. Essa abordagem apresenta um raciocínio que vai dos tempos gregos à atualidade afro-brasileira em convívio com uma grande diversidade religiosa e leiga.

Ao trazer as contribuições de frei Volney Berkenbrock foi possível revisitar a história da teologia. Seu nascimento pré-cristão, muito diferente do que é conhecido hoje, privilegiava os mitos e a visão politeísta de mundo. O processo de encultu-



*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

ração cristã demorou, mas chegou. A partir de então a teologia ficou marcadamente abraâmica e, mais especificamente, cristã. Tal condição dificulta teologias não cristãs, caso das religiões afro-brasileiras, em conseguir um espaço isonômico de diálogo.

A teologia como campo científico também sofre problemas com sua legitimação. Por assumir seu aspecto confessional, inerente ao fazer teológico, pois bebe da sabedoria da religião em que é estudada, está mais distante de métodos científicos mais rígidos até mesmo para as ciências humanas. Sua fraqueza paradoxalmente também é sua fortaleza. Apenas a teologia pode contar com o *insider* em sua plenitude de pesquisa. Todas as demais disciplinas colocam a autoimposição de distanciamento do seu objeto, por menor que o seja.

A modernização da teologia acaba por permitir a formação de diversas vertentes. O pastor Cláudio Ribeiro oferece uma saída promissora com a teologia pluralista. O ato de aceitar as diferenças e desigualdades das instituições religiosas e seus fiéis é um passo importante para gerar análises coerentes que facilitarão o exercício pleno de uma teologia que pretende abraçar todas as possibilidades religiosas. Sejam seus aspectos mais sociais e culturais, tomando como referência os entre-lugares e políticas decoloniais, sejam os

*Dr. João Luiz Carneiro*

elementos mais conectados ao fazer teológico como a noção de alteridade, a teologia pluralista está preocupada em acompanhar o posicionamento e movimento dialético das religiões na esfera pública.

Uma das formas mais justas e isonômicas para este diálogo teológico seriam as construções teológicas de cada grupo religioso. Por diversos motivos, que vão do econômico ao político, passando por questões históricas e características inatas, nem todos vão se interessar ou buscar esse caminho. Não foi o caso das religiões afro-brasileiras.

■ Pai Rivas inicia esse movimento por dentro das religiões afro-brasileiras com muita articulação e política endógena. Tais esforços vão ser concretizados na institucionalização da teologia com o advento da FTU e a construção de categorias específicas pelo sacerdote e teólogo.

Esse trabalho logra êxito por mais de uma década. Contudo, pelos mesmos motivos que muitas denominações religiosas não conseguiram formar seu campo teológico, a instituição FTU não conseguiu sobreviver. Ainda assim, suas sementes já foram plantadas e geraram teólogos e especialistas em teologia afro-brasileira que seguiram no meio acadêmico, seja com a pesquisa, seja com a docência.

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

Mãe Maria Elise Rivas capitaneia essa nova fase. Por um lado, não existe mais a legitimidade de uma instituição teológica afro-brasileira. A FTU foi a primeira e única do gênero. Todos os pais ou mães de santo, iniciados ou adeptos que não se formaram na FTU, ainda que tenham estudado e pesquisado sua religião, estão sob a chancela de uma teologia cristã. Por outro lado, sua mantenedora OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino) encontra fôlego para patrocinar e desenvolver projetos teológicos que dão maior liberdade para produção, pois não sofre mais com as cobranças burocráticas do Estado.

O projeto dessa mãe de santo aponta para o aprofundamento das várias escolas das religiões afro-brasileiras em estado de *Gestalt* e isonomia. Ao mesmo tempo, valorizando os indivíduos pelas chaves da visibilidade das ditas minorias. Trata-se de uma teologia militante em certa medida, pois quer dialogar com todo o campo teológico e outras disciplinas acadêmicas no braço científico e exaltar a função sacerdotal afro-brasileira no braço religioso.

A proposta teológica afro-brasileira está distanciada de outras abordagens cristãs. Pais e mães de santo não se formam em livro ou em curso de teologia. Eles são formados dentro do terreiro sob as condições segundo as quais cada tradição se ca-

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Dr. João Luiz Carneiro*

racteriza. Em todas elas, por meio da Iniciação, a transmissão é de mãe para filha de santo. Um teólogo não tem condição de fazer religião apenas por sua formação acadêmica.

Ao mesmo tempo, toda a sabedoria de terreiro não é sinônimo de conhecimento teológico. Para ser teólogo afro-brasileiro é necessário se formar no bacharelado ou buscar especializações, mestrado, doutorado em instituições que sejam dessa confessionalidade, ou seja, afro-brasileira. Até o presente momento, os cursos de bacharelado e pós-graduação com essa característica não existem mais. Um pai ou mãe de santo não consegue fazer teologia por seu cargo de santo ou grau de iniciação.

Contudo um pai ou mãe de santo pode ter se interessado pela teologia e se formado nela. É o caso dos dois sacerdotes citados aqui: Pai Rivas e Mãe Maria Elise Rivas. Nesses casos, ambos transitam entre ciência e religião não por uma condição especial, mas por algo adquirido. Seguiram o caminho da iniciação no terreiro, o que fez deles sacerdotes, e também seguiram os ritos científicos, permitindo-lhes serem especialistas em Teologia afro-brasileira.

No caso católico e protestante, encontramos situações análogas. O frei Volney foi ordenado sacerdote católico e se formou

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

em teologia, permitindo transitar por ambos espaços de saber. O pastor Cláudio Ribeiro é nomeado assim pela sua denominação religiosa, a Igreja Metodista, e construiu igualmente uma longa carreira acadêmica a partir da sua formação teológica.

Os quatro autores utilizados no artigo refletem o espírito do texto: promover uma aproximação de saberes (religioso e científico) respeitando o espaço de cada forma, mas recordando o ser humano como agente fundamental na construção e manutenção de ambos. O sacerdote-teólogo e o teólogo-sacerdote são faces da mesma moeda comumente nominada de religião.

## Referências

- BAHIA, J.; NOGUEIRA, F. Tem Angola na umbanda? Os usos da África pela umbanda omolocô. *Revista TransVersos*, 13, p. 53-78, 2018.
- BERKENBROCK, V. J. *Mementos produzidos em atividade docente*. 2020.
- BERKENBROCK, V. J. A teologia como sabedoria iniciática: elementos para uma teologia fundamental afro-brasileira. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; RIVAS, Maria Elise; JORGE, Erica. (Org.). *Teologia afro-brasileira*. São Paulo: Aché, 2014.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dr. João Luiz Carneiro*

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOBBIO, N. *A teoria das formas de governo*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

BOTELHO, André. O poder ideológico: Bobbio e os intelectuais. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 93-111, 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452004000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr. de 2020.

CARNEIRO, É. J. Francisco Rivas Neto e a constituição do campo teológico afro-brasileiro. *Revista Estudos Afro-Brasileiros*, v.1, n. 1, 2020.

CARNEIRO, J. L. *Academia no terreiro ou terreiro na academia? A função da Faculdade de Teologia Umbandista no diálogo entre adeptos de religiões afro-brasileiras e acadêmicos na esfera pública*. 310 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014a.

CARNEIRO, J. L. *Religiões Afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis: Vozes, 2014b.

CARNEIRO, J. L.; RIVAS NETO, F.; RIVAS, M. E. *Teologia de tradição oral*. São Paulo: Arché, 2014.

GIUMBELLI, E. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, V. G. (Org.). *Caminhos da alma: memória afro-brasileira*, São Paulo: Summus, p. 183-217, 2002.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...*

HOLANDA, A. Saúde e doença em Gestalt-Terapia: aspectos filosóficos. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 15, n. 2, p. 29-44, 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X1998000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X1998000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LÉVINAS, E. *O humanismo do outro homem*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no CENSO 2010. *DEBATES DO NER*, v. 2, p. 119-137, 2013.

MIGNOLO, W. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

PRANDI, R.; SANTOS, R. W. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. *Tempo social* [online], vol. 29, n. 2, p.187-214, 2017.

RIBEIRO, C. O. O princípio pluralista como elemento articulador de pesquisas na área - Ciências da Religião e Teologia. *Revista de Estudos da Religião (REVER)*, v. 19, p. 65-86, 2019.

RIBEIRO, C. O. A teologia latino-americana diante do pluralismo religioso: a mudança de lugar teológico a partir das teologias feministas e afro-indígenas. *ENCONTROS TEOLÓGICOS (FLORIANÓPOLIS)*, v. 33, p. 309-334, 2018.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO-BRASILEIROS

*Dr. João Luiz Carneiro*

- RITO, Honório. *Introdução à teologia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- RIVAS, M. E. *O mito de origem*. São Paulo: Arché, 2013.
- RIVAS, M. E. *Teologia usa saias?* São Paulo: Arché, 2017a.
- RIVAS, M. E. *Tem mulher na macumba “sim sinhô”*: as mulheres negras na macumba religiosa e musical carioca entre 1870 e 1930. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017b.
- RIVAS NETO, F. *Escolas das religiões afro-brasileiras*: tradição oral e diversidade. São Paulo: Arché, 2012.
- RIVAS NETO, F. *Teologia do ori-bará*. São Paulo: Arché, 2015.
- SANTOS, B. S. *Pela Mão de Alice*: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2010a.
- SANTOS, B. S. *A gramática do tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010b.
- SCHILLEBEECKX, E. *Revelação e teologia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.